

JORNALISMO DECLARATÓRIO E A NATURALIZAÇÃO DOS FATOS NA SELEÇÃO DAS FONTES

PRESS STATEMENT AND THE NATURALIZATION OF FACTS IN THE SELECTION OF SOURCES

Luãn José Vaz Chagas¹

RESUMO

O artigo analisa a percepção dos profissionais sobre a seleção das fontes e a naturalização dos fatos com o jornalismo declaratório presente na cobertura cotidiana. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com radiojornalistas da BandNews e da CBN no Rio Janeiro e de uma afiliada da CBN no interior do Paraná. Os resultados contrastam com valores da comunidade interpretativa do jornalismo e demonstram formas de dependência e passividade dos profissionais na relação com fontes profissionalizadas em questões que apontam para a naturalização de “pseudofatos”. A “fonte que fala bem” e a sonora como materialização do acontecimento integram valores compartilhados por jornalistas radiofônicos na escolha das vozes nas notícias.

PALAVRAS-CHAVE

seleção; fontes; radiojornalismo; jornalismo declaratório.

ABSTRACT

The article analyzes the professionals' perception about the selection of sources and the naturalization of the facts with the declaratory journalism present in the daily coverage. Data were obtained from semi-structured interviews with BandNews and CBN radio journalists in Rio de Janeiro and a CBN affiliate in the interior of Paraná. The results contrast with the values of the interpretative community of journalism and demonstrate forms of dependence and passivity of professionals in relation to professional sources in questions that point to the naturalization of “pseudofacts”. The “source that speaks well” and the soundbite as materialization of the event integrate values shared by radio journalists about the choice of voices in daily news.

1 Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Docente na Universidade Federal do Mato Grosso. *E-mail: luan.chagas@ufmt.br*

KEYWORDS

selection; sources; radiojournalism; declaratory journalism.

INTRODUÇÃO

A confiança nos setores tidos como oficiais e em agentes proeminentes no Estado na construção das notícias ganha cada vez mais questionamentos na atualidade. Até que ponto as fontes mentem e criam fatos que reverberam da prática do jornalismo declaratório? Quais os limites conceituais do termo jornalismo declaratório e os atravessamentos destes na construção das notícias? A agência brasileira Aos Fatos, por exemplo, destacou em abril de 2019, que em 100 dias de governo, 6 a cada 10 declarações do presidente Jair Bolsonaro eram falsas ou distorcidas¹. É interessante observar que nos casos selecionados pela agência, todas foram veiculadas em espaços jornalísticos de periódicos, emissoras de rádio e televisão ou portais na *web*. Ou seja, uma voz selecionada que passou com informações não checadas pelos(as) *gatekeepers*. Nos Estados Unidos, o jornal *The Washington Post* revelou que ao final de 2018, o presidente Donald Trump fez 15 declarações falsas por dia, o que levou o jornalista responsável pela contagem, Glen Kessler, a nominar o relatório como “ano das mentiras”².

Em agosto de 2019, esse debate chegou à coluna da ombudsman da Folha de São Paulo, Flávia Lima, intitulada “Males do jornalismo declaratório”. No texto, a jornalista apontou o erro da imprensa ao não contextualizar falas que contenham absurdos, mentiras ou dados falsos. Em novembro do mesmo ano, a Folha também criou a ferramenta “Bolsonômetro” e os dados destacam que o presidente “dá ao menos uma declaração falsa ou imprecisa a cada quatro dias”³. Nesse cenário, a seleção e relação com as fontes se torna um eixo central nos estudos de jornalismo em questões que contrastam com valores presentes na comunidade interpretativa dos jornalistas. O artigo realiza uma análise sobre a seleção das fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na cobertura local e cotidiana das emissoras CBN e BandNews no Rio de Janeiro, e na CBN em Ponta Grossa, no Paraná na perspectiva dos jornalistas que realizam esse processo de escolha.

Na atualidade, o rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático (LOPEZ, 2010) implica diretamente no perfil profissional e de trabalho de jornalistas em emissoras *All News* como a CBN e *All Talk*, como a BandNews do Rio de Janeiro. O(a) jornalista sentado(a) e ausente do palco dos acontecimentos, o trabalho multitarefa são

características presentes junto a um número menor de profissionais nas redações que outros meios de comunicação (NEVEU, 2006; SANT`ANNA, 2009). Mesmo nesse cenário, o rádio se mantém como uma das principais formas de acesso às informações, segundo o Book do Kantar Ibope Media em 2018⁴. Os dados apontam que 86% da população nas 13 regiões metropolitanas, o equivalente a mais de 50 milhões de pessoas, afirmaram ouvir as emissoras por um tempo médio de 4 horas e 40 minutos. No Rio de Janeiro o alcance chega a 89% da população com um tempo de escuta de 5 horas e 18 minutos. Outro dado interessante da pesquisa é que para 83% dos entrevistados o radiojornalismo é fácil de entender e para 78% “oferece notícias que eu posso confiar”.

A partir desse contexto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis jornalistas da BandNews Rio, cinco na CBN Rio e três na CBN Ponta Grossa com foco nos processos de *gatekeeping* e *gatewatching* realizados pelos(as) jornalistas. O objetivo é analisar as estratégias e valores compartilhados pelos(as) jornalistas quanto ao processo de seleção das fontes e suas declarações. A escolha das emissoras analisadas tem como justificativa verificar se a seleção das fontes e vozes incorporadas à programação converge ou diverge em seus contextos e práticas profissionais na produção local e cotidiana em um momento de reconfiguração profissional no radiojornalismo.

Junto à naturalização dos fatos proposta por Moretzsohn (2007), percebeu-se uma naturalização dos “pseudofatos”, conceito proposto por Gomis (1991), na relação de dependência das fontes profissionalizadas na atualidade (CHAPARRO, 1994; ELÍAS, 2003; FRANKLIN, 2011; GANS, 1980; O’NEILL; O’CONNOR, 2008). A “fonte que fala bem” e a sonora como materialização do acontecimento integram valores compartilhados pelos jornalistas radiofônicos sobre a seleção das vozes nas notícias do cotidiano, o que reforça a necessidade de estudos voltados ao jornalismo declaratório e aos valores na comunidade interpretativa com relação às fontes.

FONTE OFICIAL TAMBÉM MENTE: OS PSEUDOFATOS E O JORNALISMO DECLARATÓRIO

O debate sobre jornalismo declaratório nas pesquisas da área e a relação com a seleção das fontes ainda aparece à margem da importância que o tema ganhou na atualidade. O professor de jornalismo da UFSC, Orlando Tambosi (2005) propõe o debate sobre as diferenças entre informação e conhecimento com uma definição em nota de rodapé sobre o jornalismo declaratório como aquele que “se baseia exclusivamente em declarações

e informações das fontes”. Para o autor, o problema disso está na confiança exacerbada em setores oficiais e de que “uma informação pode ser falsa; um conhecimento jamais”. Há, nesse sentido, a defesa de que nem toda informação é conhecimento, mas que informações corretas podem gerar conhecimento. A base está no que defende Meditsch (1992) em um jornalismo também para formar e não somente seguir a velocidade de difusão noticiosa ininterrupta que sofre constrangimentos como a passividade frente aos posicionamentos das fontes.

Nos argumentos dos autores, a possibilidade de apuração, angulação e verificação é o que confere ao trabalho jornalístico a utilização do contraditório e do próprio questionamento às declarações das fontes: “Por um lado, quanto mais declaratório for o jornalismo, quanto mais depender exclusivamente de fontes, mais difícil será sustentar que seja uma forma de conhecimento autônoma” (TAMBOSI, 2005, p. 37). Outra questão é uma confiança que os fatos são neutros como “realidade do mundo objetivo”, discutível na ótica de Moretzsohn (2007). A conclusão de Tambosi (2005, p. 37), na perspectiva de aprofundar a seleção das fontes com base no que é dito pelos agentes, é de que o “jornalismo declaratório produz informações, mas é difícil saber se são verdadeiras, por mais ‘checadas’ que sejam e por mais críveis e honestas que sejam as fontes”. A desconfiança e a conseqüente necessidade de apuração, aprofundamento e angulação são contínuas em toda a produção jornalística independente da voz ou fonte selecionada pelos profissionais.

Ao sacralizar os fatos como detentores da realidade do mundo objetivo, Tambosi (2005) esbarra na crítica feita por Moretzsohn (2007, p. 180) à premissa da distinção entre fatos e opiniões. Para a autora, a ideia do “*facts, facts, facts*”, oriundo das mudanças propostas pelo *penny press*, é um debate que se aprofunda quando se relacionam os fatos com a ideia de precisão e objetividade. Faltaria, no argumento da professora da Universidade Federal Fluminense, um distanciamento do repórter para o “cumprimento” da promessa de se ater aos fatos justamente pelas condições profissionais atuais marcadas “crescentemente pela urgência do ‘tempo real’”.

Seguindo o raciocínio da autora e o argumento central da seleção das fontes, a naturalização dos fatos como algo que surge sem intencionalidades escusas é uma das implicações da linha de montagem industrial inserida nas rotinas profissionais na atualidade. As “interpretações prontas”, citadas por Moretzsohn (2007), com base em Jacques Rancière, são exemplos que se unem à dependência e passividade na relação estabelecida com

fontes profissionalizadas e oficiais. A ausência de checagem e verificação do que é dito por esses agentes selecionados pelos jornalistas deixa a construção da notícia suscetível à manipulação por esses setores: “A verificação é comumente substituída pela confiabilidade das fontes, donde termina por prevalecer, no cotidiano profissional, a busca por uma pluralidade de interpretações” (MORETZSOHN, 2007, p. 186).

A construção de um “jornalismo de mãos limpas”, que nomina Moretzsohn (2007), se insere - sem citar o termo jornalismo declaratório - na utilização da consulta às fontes e das aspas sem se importar com o que foi dito ou qual informação foi repassada. A seleção possui um papel central nesse processo pelo nível de profissionalização de assessorias e departamentos de comunicação na atualidade. O que acontece é o risco da manipulação dos fatos pelas fontes “quanto mais preparadas ou qualificadas elas forem” (MORETZSOHN, 2007, p. 200). A checagem, a desconfiança permanente e a necessidade de apuração pré e pós seleção das fontes e declarações está presente tanto nas fontes oficiais, como agentes políticos, e/ou institucionais, empresariais até populares com a interação desempenhada por diferentes canais, de mensagem instantânea ou não.

Lorenzo Gomis (2004, p. 115) exemplifica o caráter negocial entre fontes e jornalistas no mundo político com a afirmação sobre os agentes que conferem importância aos noticiários ao serem indagados na cobertura cotidiana. É preciso, segundo ao autor, considerar que a lógica não é simples e que “nem sempre o meio está disposto a dar para a notícia oferecida, a importância e a extensão que o político desejaria”, porém é deste espaço e situação que surge um considerável número de notícias. Uma das explicações é de que “as fontes estão interessadas tanto em [...] mostrar a própria competência como em deixar clara a incompetência de seus rivais e adversários”. A continuidade do processo de seleção é permeada por essa disputa, pois as “notícias que o interessado omitiu, porque teme que não lhe favoreçam, o adversário se apressa em divulgar”.

Para Gomis (2004, p. 104), “se não fossem os interessados em que algo seja publicado, muitas notícias não apareceriam nunca”. Entendimento que confere uma lógica de dependência e de construção noticiosa que está diretamente relacionada com o que querem as fontes. Há assim, um acordo entre o que procura o jornalista e o que a chamada fonte interessada quer que a sociedade saiba. Forma-se a partir disso uma relação dupla entre o que pode ser um serviço ao público se o fato tenha relevância para se tornar notícia ou então é somente um interesse, um pseudo-evento para prejudicar adversários políticos ou econômicos.

As fontes habituais, que destacam Molotch & Lester (1999), estão inseridas nesse formato de acordo ou coalizão, como prefere Cook (2011). Algo não explícito ou afirmado entre quatro paredes, mas que passa pela necessidade das organizações que vivem de notícias e “buscam essas fontes para encher os espaços de programação diária” (GOMIS, 2004, p. 104). Para o autor espanhol, fontes oficiais possuem estruturas que garantem “notícias esperadas e inesperadas, oferecem furos e facilitam conhecimentos amplos”, tornam seguro o trabalho dos jornalistas e conferem grau de credibilidade ao conteúdo noticioso.

E para Schmitz (2011, p. 9) as fontes podem ser proativas a partir do nível de profissionalização e aprimoramento de ações estratégicas. Essa proatividade da fonte também está relacionada ao que Gomis (2004, p. 109) classifica como pseudoevento a partir do interesse de uma “instituição real a aparecer como o que pretende ser: é uma profecia que se cumpre ao pronunciar-se”. A condição para o cumprimento do “pretender ser”, para o autor é a existência dos meios de comunicação. O autor utiliza como base, a ideia de pseudoevento de Daniel Boorstin, escrita em 1971 para explicar a propagação de mentiras ou desinformação e o cenário do real que se cria com as imagens em nossas cabeças. Gomis (2004, p. 110) aponta as características do pseudoevento que se enquadra diretamente na fala e no interesse das fontes em criar ou especular cenários a partir de coletivas de imprensa, entrevistas abertas ou declarações polêmicas. Isso, para o autor levaria ao que chama de “pseudofatos”:

- I. é algo previsto, provocado estrategicamente e não algo espontâneo;
- II. a declaração, a entrevista tem mais impacto do que um acontecimento, como um terremoto, uma tragédia, um acidente, ou seja, torna-se a manchete como um acontecimento;
- III. objetiva registrar algo, uma opinião, algo que se torna o fato em si;
- IV. a informação pode ser pensada estrategicamente de antemão para posterior difusão;
- V. a informação é ambígua e quanto mais questionamento sobre o que a fonte realmente queria dizer;
- VI. a dúvida favorece o comentário, análises posteriores, respostas de outras fontes, a penetração e a duração da notícia.

Essas características, de acordo com Gomis (2004), favorecem a construção de um cenário enigmático em que a fala da fonte torna-se algo além de uma proteção, como definiu Tuchman (1999). As aspas, ou sonoras neste caso, continuam a repetir-se como objeto de interpretação, notícia, mesmo sendo algo muitas vezes questionável ou então apenas algo falso ou mentiroso, um pseudofato. É importante também, questionar a ideia de credibilidade na tribo jornalística ou o que consideram credível quando o assunto são as fontes. O pesquisador israelense Zvy Reich (2011, p. 31) argumenta que a “familiaridade” e a “credibilidade” estão associadas ao modelo de seleção desempenhado pela comunidade profissional, o que reforça uma hierarquia a partir da regularidade do contato e do subsídio de informações.

Para reforçar o argumento, Deirdre O’Neill; Catherine O’Connor (2008) e Bob Franklin (2011) argumentam que a dependência e a passividade surgem como situações contextuais, que refletem e servem as estruturas de poder no controle e fluxo de notícias. O(a) jornalista passivo(a), nesse sentido, se torna uma característica da dependência de fontes organizadas e profissionalizadas em um contexto que combina as pressões com a crescente experiência das instituições em se relacionar com as redações. O argumento das autoras é que até mesmo o papel do *gatekeeper* muda para o profissional da assessoria que seleciona e distribui o que é de interesse para a organização em que trabalha. Ao contrário de um investigador ativo que cruza informações, contrasta com outras fontes e busca diversificar as versões de uma notícia, o jornalista passivo apenas olha ao redor e seleciona aquilo que está mais fácil, confiando menos nos cidadãos comuns e em instituições não alinhadas, mantendo o status quo de quem está no poder: “Essa passividade também leva a uma confiança excessiva em fontes únicas, excluindo certos pontos de vista e questões relevantes para os leitores e permitindo que fontes de rotina dominem a agenda de notícias e formem histórias subsequentes” (O’NEILL; O’CONNOR, 2008, p. 498).

É neste cenário que se insere o radiojornalismo e a comunidade de repórteres, jornalistas, âncoras, colunistas, chefias de reportagens e radialistas. Os conceitos de dependência (MANNING, 2001; O’NEILL; O’CONNOR, 2008) e passividade (FRANKLIN, 2011) se juntam ao ambiente permeado pela profissionalização das fontes, diminuição no número de profissionais nas redações e a lógica da naturalização dos fatos e “pseudo-fatos” na sociedade. O jornalismo ganha singularidade e a seleção das fontes é um dos aspectos a aprofundar os estudos sobre a disputa de narrativas no atual momento. A

fala, a declaração e o impacto dela tem relação direta com a alternância de vozes e as estratégias adotadas pelos profissionais para selecionar e amplificar sonoras das fontes, sejam elas oficiais, empresariais, institucionais, especialistas, populares ou notáveis.

A “FONTE QUE FALA BEM” E AS ASSESSORIAS COMO BRAÇOS ESQUERDO E DIREITO DA REDAÇÃO

Os dados do Kantar Ibope Media citados no início deste artigo destacam a importância do rádio e do radiojornalismo na atualidade. No caso das duas grandes redes de rádio aqui analisadas, a CBN está em um cenário mais sensível que a BandNews no eixo Rio-São Paulo em relação à diminuição do número de jornalistas. Somente em novembro de 2016, foram 41 baixas no Sistema Globo de Rádio entre a capital carioca e a paulista. No interior, as afiliadas aproveitam o conteúdo da rede e mantêm contratações modestas para os programas locais. A CBN Ponta Grossa, por exemplo, em um dos principais centros econômico-industriais do Paraná durante a pesquisa contava com apenas três pessoas - duas delas terceirizadas - na produção, edição, controle e apuração de informações locais.

Nesse contexto, com o objetivo de analisar as estratégias e valores compartilhados pelos jornalistas quanto ao processo de seleção das fontes profissionalizadas e não profissionalizadas, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas como protocolo central de coleta de dados objetivos e subjetivos, algo tradicional nas pesquisas das ciências sociais (GIL, 2008; PATHERSON, 2008; TRAVANCAS, 2006). O primeiro passo do planejamento para a realização das entrevistas foi a organização do tópico guia após a literatura da área e os estudos realizados sobre o objeto (GASKELL, 2002). Na escolha dos entrevistados, a variável padrão foi construída a partir das ações desempenhadas na seleção das fontes com a finalidade de explorar seus aspectos valorativos. Seguindo o argumento de Duarte (2006), o objetivo não é provar algo, mas explorar o caráter subjetivo dos profissionais envolvidos.

As entrevistas - que serão detalhadas à frente - foram realizadas com seis jornalistas da BandNews Rio: Rodolfo Schneider, diretor de jornalismo; Taís Dias, chefe de redação; Mário Dias, chefe de reportagem; Carlos Briggs, coordenador de produção e repórter; Tatiana Campbell, repórter do *WhatsApp*; e Marcus Lacerda, repórter do site. As entrevistas na CBN Ponta Grossa foram realizadas com os jornalistas Clarisson Kawa, produtor e âncora do programa local e com os repórteres terceirizados, Emmanuel Fornazari

e Thanile Ratti. Os entrevistados na CBN Rio foram o gerente de jornalismo, Thiago Barbosa; a âncora Bianca Santos; Ricardo Porto, produtor; Matheus Carrera, chefe de reportagem; e a repórter Rafaela Cascardo. Todos serão identificados segundo comum acordo durante a realização.

As emissoras foram escolhidas pelos diferentes contextos e diferenciais existentes entre emissoras que estão na cabeça das redes e a afiliadas. Além disso, a situação profissional vivenciada pelas emissoras exige uma análise diante dos constrangimentos organizacionais e a precariedade do trabalho desempenhado nas redações. No caso das duas grandes redes de rádio aqui analisadas, a CBN possui uma situação mais sensível que a BandNews no eixo Rio-São Paulo em relação à diminuição do número de jornalistas. Somente em novembro de 2016, foram 41 baixas no Sistema Globo de Rádio entre a capital carioca e a paulista. No interior, as afiliadas aproveitam o conteúdo da rede e mantêm contratações modestas para os programas locais. A CBN Ponta Grossa, por exemplo, em um dos principais centros econômico-industriais do Paraná, durante a pesquisa contava com apenas três pessoas - duas delas terceirizadas - na produção, edição, controle e apuração de informações locais.

Os resultados das entrevistas foram sistematizados a partir das frequências (HERSCOVITZ, 2007) de fala sobre determinados temas com foco na seleção das fontes e de suas declarações, além do cruzamento teórico-conceitual das seguintes categorias: a) interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação; b) cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais; c) profissionalização das fontes; e d) jornalismo declaratório.

Na a) - interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação - aparece o objetivo de aumentar o fluxo de cobertura noticiosa diante do contexto econômico e profissional vivenciado no Rio de Janeiro. A chefe de redação Taís Dias² afirma que pelo imediatismo do rádio, a chegada das informações abastece toda a produção jornalística do grupo Bandeirantes na cidade. A estratégia se intensificou na utilização da plataforma de mensagem instantânea do *WhatsApp* e na busca em diferenciar-se do modelo *All News* da concorrente CBN.

2 Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2017, Rio de Janeiro.

O problema da estratégia está na seleção das fontes que se torna algo mais próximo à emissora e não na relação com o jornalista. Como explica Carlos Briggs,³ *“aqui os jornalistas não têm fontes, é a emissora que tem, se eu sair para outra emissora, dificilmente irei levar esses contatos que são da própria rádio”*. A estratégia que se mantém por meio do telefone, do e-mail, dos sites de redes sociais ou da antiga agenda de fontes se concentra no *WhatsApp* com dois profissionais trabalhando nos turnos da manhã e da tarde focados nessa interação. O trabalho se resume a atuar de forma sentada (NEVEU, 2006) selecionando os materiais oriundos de fontes populares e oficiais por meio da plataforma, armazenando mensagens durante todo o *BandNews Rio 1ª Edição* e repassando para a Central de Apuração. Segundo Tatiana Campbell,⁴ a identificação *“ouvinte final de telefone”* se justifica porque *“na maioria das vezes as fontes não querem ser identificadas em casos de tiroteios ou acidentes”*.

Na CBN Rio, a repórter da central de apuração, Rafaela Cascardo,⁵ que mantém o contato diário com os ouvintes, explica que a entrada das informações como sonora ou como pauta na programação da emissora demanda confiabilidade e subsídio na construção das notícias. Segundo ela, os casos de problemas pessoais ou situações específicas não são relevantes no contexto geral de que necessitam as notícias. Neste sentido, os valores notícias são acionados para pensar o que é importante para a sociedade, ou não, na seleção do *gatekeeper*: *“meu filtro é verificar o que vai impactar a população ou que está impactando especificamente a vida dele”*.

Já para Clarisson Kawa,⁶ existe um cuidado na checagem para que notícias falsas não possam se sobressair no contato com vozes populares e a preferência pelo que chama de fontes com credibilidade, como órgãos da *“sociedade civil organizada de Ponta Grossa”*. Isso se repete com o que Thanile Ratti⁷ chama de *“padronização do envio das informações”* concentrada no e-mail principal da emissora. É nesse processo que a preferência pelos setores oficiais acaba se sobressaindo a outras vozes e impede a possibilidade até mesmo de interações ao vivo de forma a incluir fontes populares nos debates sobre a cidade: *“como a gente já tem acertado quais são essas fontes, quais são os locais que a gente busca, acaba sendo padronizado”*. (Thanile Ratti)

3 Entrevista realizada no dia 22 de agosto de 2017, Rio de Janeiro.

4 Entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2017, Rio de Janeiro.

5 Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2018, Rio de Janeiro.

6 Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018, Ponta Grossa.

7 Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2018, Ponta Grossa.

Os b) - cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais - são os principais focos de questionamento quanto à forma com que aparecem na programação as colaborações em trânsito e segurança. Não se propõe aqui fazer uma dualidade entre o “ouvinte final de telefone” e os setores oficiais a partir de sua hierarquia da credibilidade, como destaca Traquina (2005). Rodolfo Schneider⁸ afirma que o cruzamento dos dados com setores oficiais para o aprofundamento das informações e a confirmação dos dados continua:

A gente acredita no ouvinte até porque enquanto um liga, outros também falam sobre a mesma informação, cruzamos os dados e levamos para o ar. Nós confiamos plenamente no ouvinte, o que não quer dizer que não nos enviem boatos, coisas que estão viralizando, achando que é verdade.

Na mesma ótica da BandNews, o número de relatos ou intensidade das mídias pode garantir a entrada de uma informação no ar, como afirmam Ricardo Porto⁹ e Rafaela Cascardo na CBN Rio. Entre os critérios elencados pelo produtor, está o bom senso quando a velocidade da busca pela informação “*para quem lida com o jornalismo hard*” seria necessária, mesmo que sem uma receita na seleção das vozes: “*bom senso, às vezes até porque, não necessariamente, as fontes oficiais vão falar toda a verdade*” (Ricardo Porto). Para o produtor, ainda é possível sublinhar questões como quantidade de gente falando sobre algo, consistência das informações, relação de confiança e envio de mídias como fotografias, áudios e vídeos.

Com o silenciamento das vozes populares como parte da dinâmica estrutural presente e na estratégia de seleção da CBN Ponta Grossa, há, segundo Clarisson Kawa, o uso de agentes que possam manter uma relação de subsídio de informações tidas como “confiáveis” para a redação ou então figurem na esfera da representação, exemplo de “*advogados, uma pessoa que luta por uma causa ambiental desde que alinhada a alguma instituição, fontes oficiais mesmo*”. Não figura, por outro lado, desconfiança nos envios dos materiais de assessoria, ou até mesmo, nas declarações dos ouvidos durante o programa.

A confiança total nos órgãos exteriores à redação que se converte em dependência e passividade também atinge questões cruciais na postura ética e deontológica frente aos materiais que não possuem um aprofundamento ou apuração. Isso seria um dos

8 Entrevista realizada no dia 29 de agosto de 2017, Rio de Janeiro.

9 Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018, Rio de Janeiro.

resultados da c) - profissionalização das fontes e o impacto nas redações - como parte de um processo de sofisticação da relação com as redações (CHAPARRO, 1994), da ditadura organizacional imposta pelo controle de assessorias e aproveitamento das condições vivenciadas pelos jornalistas em casos como a CBN Ponta Grossa e da própria proatividade das fontes (SCHMITZ, 2011). Esse controle é reconhecido por Clarisson Kawa com o relato de que em momentos de crise como a Operação Lava Jato ou polêmicas,

Ele só quer falar de um tema ou então não falar sobre a situação, ou seja, só expõe o que é de interesse dele, por isso que se eu vou entrevistar o cara e se eu não posso perguntar sobre essa Operação aí eu nem entrevisto, não tem porque eu entrevistar uma pessoa se ela não quer falar do tema principal.

Além do controle habitual por parte das fontes organizadas na gestão de crises, a passividade dos jornalistas é parte do processo de aceitação da postura de agentes que utilizam as assessorias também como escudos de proteção em momentos como escândalos e polêmicas. Thanile Ratti argumenta que há outros fatores na dependência cotidiana, como a facilidade pela construção de textos oriundos de diferentes setores de comunicação em que ainda há o exercício de separar o que é notícia no release e o que é somente o destaque ao assessorado.

Para ela, mesmo diante de todos os problemas éticos e estruturais no tocante ao formato de trabalho, esses órgãos são os “braços direito e esquerdo” na CBN Ponta Grossa e que se deixassem de existir, o sistema de jornalismo praticado na emissora teria que ser revisto:

O meu trabalho depende totalmente de uma assessoria, se elas não mandam textos eu fico sem notícia e eu vou demorar muito mais, enfim, vou ter que apurar mais, o que não é de certa forma acertado para que fosse feito, mas acontece de algumas vezes eu ter que trabalhar em cima do material das assessorias porque ele não vêm pronto. (Thanile Ratti)

Os resquícios em torno do d) - jornalismo declaratório - e a naturalização dos fatos estão presentes no argumento do coordenador de produção da BandNews Rio, Carlos Briggs), sobre a análise da relevância do assunto e da fonte selecionada, e da necessidade do repórter, pois a sonora seria a “materialização da denúncia ou do acontecimento”. Há um cuidado em não expor a fonte em casos de segurança e a opção por não levar ao ar políticos que queiram usar o espaço como palanque: “As vezes é muito comum o cara não ter uma resposta clara desse mundo político e a gente não coloca no ar, nós colocamos o ouvinte e não colocamos o oficial”. Assim, um número alto de

agentes auxilia os jornalistas como fontes secundárias, entre políticos, empresários e os próprios ouvintes.

Por outro lado, a lógica de naturalizar os fatos como detentores de uma realidade sem o reconhecimento de uma construção social disto, a materialização do acontecimento baseada em uma fala se torna o ápice de uma lógica para além da opinião versus fatos (Moretzsohn, 2007). Aqui, o que propõe Gomis (1991) se estabelece ao reconhecer que a entrevista possui mais impacto que o acontecimento em si, diante da impossibilidade de o repórter estar presente no local dos fatos e depender do testemunho de fontes oficiais ou populares. A opinião registra algo que se torna o fato em si, o que leva a analisar não somente a naturalização dos fatos, mas de pseudofatos incluídos na possibilidade de selecionar erros e equívocos cometidos pelas fontes. Nesse sentido, independente da comprovação, o modelo de jornalismo declaratório se insere em diferentes tipos de fontes, inclusive na interação realizada por aplicativos de mensagens.

O modelo de seleção de fontes que abordam os jornalistas foge da lógica tradicional em que o profissional vai em busca de personagens, testemunhas, autoridades no cotidiano da cobertura local. O poder do *WhatsApp* no controle e fluxo informativo atual e também as estratégias que conduzem a uma fonte que terá a voz na programação e aquela que somente subsidia os jornalistas com os dados é percebido no cotidiano de produção dos jornalistas e na percepção sobre os valores compartilhados. No caso da seleção de diferentes vozes e a definição de quem fala e quem somente indica possíveis pautas ou interfere na programação sem aparecer, Bianca Santos¹⁰ argumenta que depende da relevância da notícia e do acesso à fonte: “*se ela falar ‘olha essa informação que eu estou te passando é em off, não quero colocar a minha voz’, isso acontece também com ouvintes que moram, por exemplo, em áreas de risco, ele tem medo de represália, de se tornar alvo*”.

O contato via *WhatsApp* é realizado durante toda a apresentação do CBN Rio e, mesmo na ancoragem, Bianca Santos mantém a busca por informações via aplicativo e o contato com as fontes ao longo do programa:

Em outros casos se ele optar por falar, aí é muito relevante porque no rádio a voz é fundamental e isso dá um corpo à matéria, torna a matéria ainda mais importante mais especial, então na maioria dos casos a gente prioriza a sonora, se ele topa falar, se ele quiser ir pro ar a gente vai dar esse espaço pra sonora.

10 Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018, Rio de Janeiro.

Segundo Thiago Barbosa,¹¹ a preferência pelas fontes oficiais é tida como forma de garantir ao ouvinte um material checado e com a confirmação de órgãos que detenham o poder de garantir a “veracidade” dos fatos:

Tem alguns institutos que acabam sendo de maior credibilidade a gente já usa e já dá o crédito, como informações do IBGE, da Fundação Oswaldo Cruz que são instituições que a gente confia totalmente, porque até hoje eles nunca erraram ou mentiram de alguma maneira que nos coloquem em alguma forma em descrédito.

Dessa forma, o gerente de jornalismo elenca que a lista de fontes ainda precisa contemplar informações importantes, “falar bem, debater bem, discutir bem” como critérios para decidir quem irá emitir suas opiniões sobre determinado assunto, reconhecendo a possibilidade de levar ao ar primeiro para depois apurar no caso de vozes oficiais:

Tem uma frase que eu acho espetacular pro rádio que é a seguinte ‘o radiojornalismo é um prato que você cozinha e come ao mesmo tempo’ e isso é muito bacana porque ele fala e faz todo o sentido, então a gente fica com grande prazer nisso e olha, vamos fazer e vamos tentar entender o que está acontecendo ao vivo”.

Por fim, destacam-se aqui alguns âmbitos da análise que confirmam a hipótese sobre a percepção dos jornalistas em relação ao que Tambosi (2004) define como jornalismo declaratório: “se baseia exclusivamente em declarações e informações das fontes”. A partir disso, a estrutura de profissionalização e sofisticação das relações entre os agentes sociais e suas distintas atuações na sociedade conduz para a naturalização dos fatos. É possível entender também na lógica de percepção dos jornalistas, como algo que é parte da comunidade interpretativa na promoção dessa confiança, presente nas lógicas de produção.

Os relatos também demonstram potencialidades no formato radiofônico de *gatekeeping* e *gatewatching* que não segue um modelo linear e controlado por uma linha de produção que envolve editores, chefias de reportagem. Há um modo específico que permite a autonomia de repórteres, âncoras e jornalistas, permeados pela relação subjetiva com a linha editorial das emissoras e suas relações de trabalho inseridas em constrangimentos organizacionais como a rapidez e o número de profissionais executando diferentes tarefas.

11 Entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2018. Rio de Janeiro, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do “jornalismo de mãos limpas” e o que possui na relação com as fontes, a base para a produção noticiosa são apresentados aqui de diferentes formas na percepção dos jornalistas. Foi possível perceber como no radiojornalismo, a sonora é tida como algo fundamental na escolha realizada pelos profissionais, bem como a ideia de que a “fonte que fala bem” pode desempenhar um papel de protagonismo nesses espaços. As dinâmicas de produção nas três emissoras voltadas à transmissão noticiosa reverberam sentimentos e valores comuns de confiança e dependência das fontes em suas produções.

Como já alertou Gomis (1991), não há como saber se as declarações são sempre verdadeiras. Por isso, argumentos dos jornalistas como a ideia de uma “fonte que fala bem” ou de agentes que enviem sonoras enquanto fontes profissionalizadas nem sempre remetem a fatos que possam ser comprovados. O próprio ato de ouvir os dois lados, que pode se resumir a uma atitude mecânica, não necessariamente se converte em diversidade ou então em fatos verificáveis naquilo que propõem os autores. Ainda há a substituição da checagem e dos subsídios como parte da confiança estabelecida entre jornalistas e suas fontes nas três emissoras, algo instituído entre os profissionais. Considera-se que não há somente a naturalização dos fatos, como algo preocupante na relação estabelecida com os valores compartilhados pelos jornalistas, mas também a naturalização de “pseudofatos” quando a sonora vai ao ar para uma posterior verificação.

Dessa forma, a dependência e a passividade, no cenário enigmático em que a fala das fontes, aspas ou sonoras podem se tornar também proteção dos jornalistas, tornam o ambiente jornalístico um espaço de disputas constantes. A fala de uma fonte utilizada como parte do jornalismo declaratório ou selecionada pela concepção de “falar bem” pode continuar a repetir-se como objeto de interpretação, notícias, mesmo sendo algo muitas vezes questionável ou então apenas algo falso, um pseudofato. Há que se ressaltar que essa situação se amplia a partir das formas de confiança da fonte. A dependência e a confiabilidade exercida em cargos como a presidência dos poderes de um país, o grau de proeminência e poder político-econômico são fatores a serem pensados no momento em que uma fonte é entrevistada e como isso repercute socialmente.

O oficialismo como resultado da pesquisa nas emissoras, a preponderância das mesmas vozes e a ausência de pontos de vista diferenciados ou oriundos dos cidadãos comuns

são partes de uma dinâmica que vai das estratégias das empresas à forma de dependência e passividade com relação a fontes profissionalizadas. Essas são características do jornalismo em contexto de periferia, do *modus operandi* da construção social da realidade que interfere diretamente na seleção das fontes no rádiojornalismo e de quem está habilitado a falar, possui acesso direto ao espaço midiático e conduz os debates sobre as políticas de uma região. Configurar o jornalismo como forma de conhecimento passa pelos estudos que evidenciem as relações entre as fontes e o que circula socialmente na disputa por visibilidade de argumentos e informações de interesse público.

REFERÊNCIAS

- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- COOK, Timothy E. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 6, p. 203-247, jul./dez. 2011.
- ELÍAS, Carlos. Adaptación de la metodología de “observación participante” al estudio de los gabinetes de prensa como fuentes periodísticas. **Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, Madrid, n. 6, 2003.
- FRANKLIN, Bob. Sources, credibility and the continuing crisis of UK journalism. *In*: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org.). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.
- GANS, Herbert J. **Deciding what’s news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Vintage, 1980.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Tchê: 1987. Disponível em: www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm. Acesso em: 3 maio 2023.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 102-117, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1901>. Acesso em: 3 maio 2023.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Editorial Paidós, 1991.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. *In*: LAGO, Cláudia e BENEETTI, Márcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luãn. Diversidade não é igual a pluralidade - Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, São Paulo, n. 36, p. 111-124, dez. 2017.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

MANNING, Paul. **News and News Sources: A Critical Introduction**. Londres: Sage, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. B. V. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

O’NEILL, Deirdre; O’CONNOR, Catherine. The passive journalist: how sources dominate local news. **Journalism Practice**, Londres, v. 2, n. 3, 2008.

PATHERSON, Chris. Why ethnography? *In*: PATHERSON, C.; DOMINGO, D. **Making Online News: The Ethnography of New Media Production**. New York: Peter Lang, 2008.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 14, n. 1/2, p. 277-294, 2000.

REICH, Zvi. Source Credibility as a Journalistic Work Tool. *In*: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt. **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

SANT’ANNA, Francisco. **Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal**. Brasília, DF: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009.

SCHMITZ, Aldo A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

TAMBOSI, Orlando. Informação e Conhecimento no Jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 31-38, jan. 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2139>. Acesso em: 6 out. 2019.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo Etnografia no Mundo da Comunicação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo, Atlas, 2006.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

NOTAS

Em 100 dias, 6 em cada 10 declarações de Bolsonaro são falsas ou distorcidas. Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/em-100-dias-6-em-cada-10-declaracoes-de-bolsonaro-sao-falsas-ou-distorcidas/>. Acesso em setembro de 2019.

A year of unprecedented deception: Trump averaged 15 false claims a day in 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2018/12/30/year-unprecedented-deception-trump-averaged-false-claims-day/>. Acesso em setembro de 2019.

Bolsonaro dá 1 declaração falsa ou imprecisa a cada 4 dias; veja o Bolsonômetro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/bolsonaro-da-1-declaracao-falsa-ou-impresisa-a-cada-4-dias-veja-o-bolsonometro.shtml?origin=folha#>

Book de Rádio 2018. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2018/09/Book-de-Rádio-2018_Final.pdf. Acesso em setembro 2019.

SUBMISSÃO: 07/03/2022

ACEITE: 10/11/2022